



A Cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 pela Radioagência Nacional*

Guilherme Gonçalves Longo¹.

Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) - UFSC

Resumo: O artigo analisa a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 pela Radioagência Nacional, da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), e integra a pesquisa de mestrado do autor, que tem como objetivo geral compreender como a imprensa tem noticiado o esporte paralímpico e seus atletas. Especificamente neste trabalho, tendo como *corpus* material disponibilizado pela Radioagência no seu site para cerca de 5 mil emissoras parceiras no país, reflete-se sobre como o rádio público realiza a cobertura no que se refere ao conteúdo informativo, estratégias de edição jornalística e linguagem. Em pesquisa quali-quantitativa, utiliza-se referenciais que discutem a relação entre Paralimpíadas e mídia (Pappous e Souza, 2016; Hilgemberg, 2017) e a função informativa da radiodifusão pública (Zuculoto, 2012, 2017; EBC, 2013).

Palavras-chave: Radiojornalismo; Paralimpíadas Rio-2016; Radioagência Nacional; Radiodifusão Pública; História Pública

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC). Bolsista CAPES. Membro da Rede de Pesquisa RadioJor. Formado em Jornalismo pela UFSC, é membro do GIRAFa (Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio) e do GIPTe (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo), ambos certificados no CNPq. E-mail: guilherme.longo93@gmail.com

* A Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto é a professora orientadora do autor em sua pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor/UFSC)

1. Cerimônia de Abertura

No dia 07 de setembro de 2016, as atenções do mundo se voltavam mais uma vez para o Brasil e para a cidade do Rio de Janeiro. 17 dias após o fim das Olimpíadas, a Cidade Maravilhosa recebia mais um megaevento esportivo, o quinto realizado no país em menos de dez anos: as Paralimpíadas. O período de 2007 até 2019 foi marcado na história do Brasil pelo fato de sediar os principais eventos esportivos do mundo e do continente em um curto período de tempo.

O caminho começou com os Jogos Pan-Americanos de 2007, passou pela Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo em 2014, as Olimpíadas e Paralimpíadas do Rio em 2016 e finalizou com a Copa América, no primeiro semestre de 2019. Neste período, o Brasil esteve no centro das atenções mundiais, não apenas pelos megaeventos que recebeu, mas pela brusca mudança da situação política e econômica do país, que foi de um momento de crescimento pleno e consolidação da jovem democracia para uma grave crise econômica e um momento político turbulento que levou ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

No país, o apoio popular que havia às candidaturas do Brasil para sediar estes eventos foi aos poucos virando um grande descontentamento. Principalmente a Copa das Confederações foi marcada por diversas manifestações ao redor do país por melhores condições em áreas como saúde, educação e segurança, além de ter representado o surgimento de uma nova força política de direita.

Quanto ao jornalismo, o período representou um aumento na presença do jornalismo esportivo na pauta do dia. A cobertura não ficou restrita a falar dos resultados e dos acontecimentos dentro das quatro linhas das arenas, mas também falava das questões políticas, econômicas e sociais do esporte.

Desde a sua primeira edição, em 1960, as Paralimpíadas têm se consolidado como o principal evento esportivo para pessoas com deficiência e principalmente nos últimos 20 anos tem conquistado seu lugar como megaevento esportivo. A edição do Rio

foi uma das mais importantes da história, conseguindo uma audiência acumulada de 4,1 bilhões de telespectadores ao redor do mundo, a maior de todos os tempos².

Mas, diferente das Olimpíadas, a cobertura feita pela imprensa brasileira das Paralimpíadas foi consideravelmente menor. Enquanto para os Jogos Olímpicos canais de televisão dedicavam milhares de horas para o evento e jornais publicavam diariamente cadernos especiais, nas Paralimpíadas o espaço e a atenção foi bem diferente. O público sentiu essa ausência e usou as redes sociais, principalmente o *Twitter* e o *Facebook* para se manifestar contra isso. É um contraste se considerar a força das delegações paralímpicas brasileiras, que no Rio conquistaram 72 medalhas, o maior número em uma única edição, contra 19 da delegação olímpica.

Além do pouco espaço dedicado à cobertura do esporte paralímpico, profissionais da área criticam também a forma, linguagem e representação do esporte e dos atletas. Isso levou os Comitês Paralímpicos Nacionais e o Internacional a criarem guias de mídia que trazem recomendações e sugestões sobre como cobrir o esporte paralímpico e falam sobre os termos que podem ser usados e quais devem ser evitados.

Entre os veículos que realizaram a cobertura das Paralimpíadas do Rio estava a EBC, Empresa Brasil de Comunicação, ligada ao Governo Federal e responsável por boa parte da radiodifusão pública do país. Ela foi motivada por dois documentos que balizam o modelo público: primeiro, a Política de Esportes da EBC, de 2010, que determina o foco da cobertura esportiva nas modalidades de menor visibilidade na imprensa. E segundo, as características da radiodifusão pública de acordo com a Unesco (2006), defendendo a cidadania, universalidade, diferenciação, entre outros.

Este artigo analisa a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 feita por um dos maiores ramos da EBC: a Radioagência Nacional. Os procedimentos metodológicos deste trabalho são a análise quantitativa, verificando o espaço dedicado à cobertura e, com base no guia de mídia produzido para os Jogos Rio-2016 (PAPPOUS; SOUZA, 2016), compreender o conteúdo, as estratégias de edição jornalística e a linguagem empregada.

² Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/paralimpiadas/noticia/com-41-bilhoes-de-telespectadores-paralimpiada-do-rio-bate-recorde-de-audiencia.ghtml>. Acesso: 13 jul. 2019

Este trabalho é parte integrante do material que constitui a pesquisa de mestrado do autor, em fase de finalização, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC. Além disso, representa uma continuação do trabalho apresentado no Congresso de 2018 da SBPJor.

2. O Jornalismo e sua relação com a História

O debate sobre o Jornalismo e sua relação com o campo da História é antigo e envolve diversas vertentes. Uma delas é a definição sobre o que seria objeto de um e de outro. Muito se fala sobre a questão do presente e do passado como solução, mas como alerta Marialva Barbosa em entrevista, é um pouco mais complexo do que se imagina:

A temática da comunicação são fenômenos mais contemporâneos, mas não podemos esquecer nunca que esses são processuais, ou seja, se desenrolam no tempo. Então tem um passado que deve ser compreendido para que você entenda tais fenômenos na sua total complexidade, sem essa lógica processual, você não consegue refletir com clareza. Não há presente absoluto, esse está inserido em uma linha temporal que vem do passado até agora, e esses processos se complexificam ao longo desse tempo (BARBOSA, 2019, p. 130)

Marialva, comentando teoria Mark Deuze de que atualmente vivemos na mídia, afirma que vivemos os processos midiáticos e estamos vivendo atravessados por essa mídia. No âmbito do Jornalismo, essa afirmação se mostra uma realidade há algumas décadas, com a televisão e o rádio, que desde seus surgimentos, passaram a integrar o dia a dia das pessoas e suas rotinas. Posteriormente, com a popularização da internet e a criação das plataformas de mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, este último já na era dos *smartphones*, a mídia passou a ter uma integração quase que absoluta com o ser humano.

Mas, como ainda afirma a pesquisadora, isso não pode invalidar que a gente viva na história. E, levando além a proposta de Marialva pode ser aplicado também à pesquisa acadêmica. Não é porque estuda-se o presente, que devemos ignorar a história passada ou mesmo que ele faz parte da História do Tempo Presente.

Quanto à História do Tempo Presente, utiliza-se aqui as definições de Bédarida (2002), que a coloca como “feita de moradias provisórias” (BÉDARIDA, 2002, p. 221), estando associada à ideia de um tipo de conhecimento que vai sofrendo modificações ao longo do tempo, sendo reescrita. Relacionando essa ideia à temática principal deste artigo, a pessoa com deficiência no Jornalismo e na sociedade, isso é notável ao longo das décadas através da crescente inclusão das PCD e sua luta por direitos. Esta luta se refletiu no Jornalismo e em uma preocupação maior das entidades que representam as PCD. Assim, nos últimos anos surgiram diversos guias que trabalhavam a questão da representação deste grupo na mídia.

Além do conceito da História do Tempo Presente, entende-se que é necessário ligar o Jornalismo também a um outro conceito que é derivado da Nova História: a História Pública.

O conceito de História Pública, segundo Liddington (2011), está “ligado a como adquirimos nosso senso de passado – por meio da memória e da paisagem, dos arquivos e da arqueologia (e por consequência, é claro, do modo como esses passados são apresentados publicamente)” (LIDDINGTON, 2011, p. 34). A autora ainda trabalha com conceitos de Habermas para mostrar uma possível ressignificação de História Pública, com relação ao contato do público com o passado, seu consumo ativo e debate crítico.

Esta questão do debate crítico é cara para esta pesquisa, na qual este artigo apresenta parte do material e dos resultados. Mesmo sob pesado ataque nos últimos anos, acredita-se que o Jornalismo possui grande importância na sociedade e ainda pode ser capaz de pautar debates e ajudar a promover mudanças. Na questão das pessoas com deficiência, isso pode ser aplicado nos debates referentes aos direitos das PCD, mas também pode colaborar com a questão da linguagem, mostrando aos leitores, ouvintes e telespectadores porque falar uma palavra ao invés de outra ou alterando o modo de tratamento.

3. A Radiodifusão Pública brasileira e a cobertura esportiva

No Brasil, o debate sobre a função e a importância da radiodifusão pública para com a sociedade é antiga, mas principalmente nos últimos três anos voltou à tona com diversos ataques à EBC por parte do Governo Federal. Em 2006, a Unesco divulgou um documento que determinava uma série de indicadores que as emissoras públicas deveriam sempre buscar. São eles: independência editorial, universalidade, diferenciação, informação imparcial, educação ou instrução, conhecimento, coesão social, cidadania, responsabilidade e credibilidade (UNESCO, 2006).

Algumas destas características estão presentes no rádio brasileiro desde o seu surgimento nos anos 1920. As primeiras emissoras tinham como características marcantes programas voltados à instrução e disseminação de conhecimento. Mas além da transmissão de programas do tipo, a programação esportiva sempre esteve presente nas grades. O esporte inclusive é responsável por profundas modificações no modo de se fazer rádio, introduzindo não apenas inovações tecnológicas, como também em técnica e linguagem.

A Empresa Brasil de Comunicação surgiu em 25 de outubro de 2007, com a publicação do Decreto 6.246/2007 no Diário Oficial da União, oficializando seu surgimento. Ela passou a ser uma sucessão da Radiobrás, unindo seu patrimônio e pessoal com bens públicos da União que estavam sobre a guarda da Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto, que coordenava a TVE Brasil. Considerada uma empresa pública, ela está atualmente atrelada à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

Logo no início, a política editorial da EBC apresentou uma grande dúvida com relação ao esporte. Por ter entre seus veículos emissoras como a Nacional, que havia uma tradição de cobertura esportiva, a Empresa optou por retomar as transmissões esportivas, algo que não foi consenso entre os gestores.

Em artigo sobre a Nacional, Zuculoto (2017) exibiu uma série de troca de e-mails entre gestores da EBC que criticavam as práticas adotadas nos primeiros meses, como o foco nos times do Rio de Janeiro e no futebol, algo bastante comum nos veículos comerciais. “(...) a EBC nasceu justamente para romper com a tradição de concentração das informações distribuídas para todo o Brasil a partir da avenida Paulista e do Leblon” (ZUCULOTO, 2017, p. 71).

Isso era contrário a um dos princípios da EBC, que era o regionalismo, com a proposta de divulgação de conteúdos regionais, realizando uma cobertura que de fato fosse nacional. O fim desse impasse veio em 2010, quando a diretoria da EBC encaminhou ao Conselho Curador uma proposta sobre o jornalismo esportivo. Isso resultou na resolução 03/2010, que pautava como seria a cobertura esportiva de suas emissoras.

A Diretoria-executiva avalia que a difusão de informações relativas a eventos esportivos nas diferentes modalidades, bem como a transmissão desses eventos, faz parte da missão da Empresa Brasil de Comunicação. Tal avaliação deriva da compreensão de que a prestação deste tipo de serviço contribui para a formação da cidadania, seja pela divulgação de práticas de saúde, civismo, superação das limitações, seja pelo fortalecimento da identidade cultural ou nacional, ao destacar feitos, vitórias e derrotas de equipes nacionais ou internacionais, bem de ídolos e desportistas (EBC, 2010, p. 6)

Este documento passou a ser o norte da cobertura esportiva da EBC e colocou qual seria seu diferencial em relação aos veículos comerciais ao redor do país. É possível notar algumas diferenças como a visão do esporte para a formação da cidadania e a prática esportiva para o bem-estar e saúde. A resolução afirma que a EBC nunca esteve alheia ao esporte, citando programas existentes na rádio e na televisão, além da transmissão de alguns eventos como a Copa São Paulo de Futebol Júnior.

Por mais que o foco da política de esportes da EBC fosse o futebol, eles se propunham a fazer algo diferente, exibindo as partidas da Série C do Campeonato Brasileiro de Futebol na TV Brasil. Quanto a outros esportes, a Câmara Temática de Jornalismo e Esportes incentivava a Diretoria Executiva a estabelecer contato com os Comitês Olímpico e Paralímpico Brasileiro para transmitir eventos nacionais e mundiais de outras modalidades, não se limitando às Olimpíadas e Paralimpíadas.

Após a resolução de 2010, o Manual de Jornalismo da EBC, lançado em 2013, trouxe mais detalhes sobre o funcionamento da cobertura esportiva. Sua principal proposta é a ampliação do universo esportivo. Além dos resultados, deve ser pensado a abordagem econômica e o esporte não sendo restrito ao alto rendimento. De acordo com o Manual, o esporte amador deve ter lugar especial, sendo pensado também como promotor de saúde, mobilização e inclusão.

O Manual ainda dedica um trecho para falar do esporte adaptado: “As práticas esportivas das pessoas com deficiência devem ser cobertas pelo jornalismo da EBC em igualdade de oportunidade com as que são praticadas pelas demais pessoas” (EBC, 2013, p. 61). Esta é uma afirmação relativamente forte por parte da EBC, já que colocaria cobertura do esporte adaptado e paralímpico em pé de igualdade com o convencional, algo que até hoje não foi visto na imprensa.

4. As Paralimpíadas Rio-2016 nas produções da Radioagência Nacional

A Radioagência Nacional foi criada em 11 de outubro de 2004, ainda no período da Radiobrás e posteriormente foi incorporada à EBC, em 2007. Ela tem como função a produção e distribuição de conteúdo radiofônico, produzidos pela sua equipe própria, os demais veículos ligados à EBC e emissoras parceiras em toda a América Latina. Esse material é disponibilizado no site oficial da Radioagência, podendo ser utilizado pelas mais de cinco mil estações de rádio do país, entre públicas, educativas e comunitárias. Além disso, pode ser baixado pelo público em geral para consumo próprio.

A agência segue a linha editorial dos veículos da EBC, como listado no Manual de Jornalismo da Empresa. Além de princípios como construção da cidadania, subordinação aos interesses da sociedade e autonomia, ainda lista diversos valores e objetivos, como pluralidade, imparcialidade, regionalismo, debate público, inclusão, entre outros. São produções da agência matérias, programetes, radionovelas e *spots*.

O *corpus* desta análise é formado por 90 matérias e programetes que foram disponibilizados entre os dias 07 e 19 de setembro de 2016, período que vai da Cerimônia de Abertura das Paralimpíadas Rio-2016 até o dia seguinte à Cerimônia de Encerramento, e que falavam sobre os Jogos ou questões relacionadas às pessoas com deficiência. No site, não haviam materiais sobre os temas nas áreas de radionovelas e *spots*.

Entre os 90 materiais coletados, foram encontrados três programetes: “Nacional Informa”, “Boletim Paralímpico” e “Minuto da Inclusão”. O primeiro, um noticiário de cerca de cinco minutos de duração, com as principais matérias do dia, produzindo diver-

sas edições diárias. O segundo, de aproximadamente 01 (um) minuto a um minuto e meio de duração, trazendo atualizações do que acontecia dentro das arenas. E o terceiro, um material que não abordava apenas as Paralimpíadas, mas também falava de temas gerais para as pessoas com deficiência, indo desde os atletas refugiados que competiam nos Jogos do Rio até as legislações brasileiras.

O “Nacional Informa” não fala exclusivamente sobre as Paralimpíadas. Os Jogos dividem espaço com acontecimentos em política, economia, polícia e outros. O espaço que fala sobre sempre é iniciado com uma vinheta própria, algo que foi comum a outras produções da EBC analisadas no passado (LONGO, 2018). Chama a atenção que boa parte do material veiculado no programete também é utilizado em outros produtos da EBC, como *A Voz do Brasil*. Isso também foi notado no “Minuto da Inclusão” e no “Boletim Paralímpico”. O noticiário ainda trazia agenda do dia, notas sobre os brasileiros em competição e a situação do país no quadro de medalhas.

Mas esse formato não foi repetido em todas as edições, podendo ter apenas alguns desses elementos. E as Paralimpíadas também não estiveram presentes em todas as edições do “Nacional Informa” ao longo dos 12 dias analisados.

Silva (2018), em sua pesquisa de mestrado, notou uma mudança na linha editorial de *A Voz do Brasil* com relação à imagem do governo e do presidente, com o noticiário evitando manchar a imagem do governo e sempre exaltando suas obras. Na análise realizada no ano anterior (LONGO, 2018), isso também foi notado com relação às Paralimpíadas e em um episódio em particular: as vaias ao presidente Michel Temer na Cerimônia de Abertura, que não foi noticiado. Diferente de *A Voz do Brasil*, a Radioagência chegou a produzir um boletim sobre o acontecimento. Isso constitui uma evidência de que as normas editoriais aplicadas à *Voz*, não são necessariamente aplicadas também aos outros produtos da EBC.

Não surpreendeu a quantidade quase inexistente de reportagens no *corpus*. Embora, no geral, se observe uma prática cotidiana e comum das agências de notícia um foco na produção de material factual, não se está defendendo que eles não existam ou não possam existir reportagens. No total, apenas quatro possuem um tom mais próximo ao da reportagem. Esses têm também uma outra característica em comum: todos são perfis de atletas que estavam competindo nos Jogos.

Excluindo os noticiários, recortes e reportagens, o restante do material constituiu-se de boletins factuais. Estes puderam ser aglutinados em quatro categorias. Três delas têm relação com os acontecimentos esportivos, separados pelo tipo de conteúdo: os que apenas relatavam os resultados; os que além da prova falava dos atletas, em alguns trazendo até pequenas falas deles; e os que falavam dos Jogos pela perspectiva do público presente, e que muitas vezes ressaltavam as visões de heróis e exemplos de superação. Já o quarto tipo falava das Paralimpíadas fora do âmbito esportivo, com um tom de serviço.

Sobre os atletas, a Radioagência mesclou um pouco o tipo de informação que era repassado ao público. Alguns boletins davam maior destaque para a história dos atletas, a origem de suas deficiências e como foram suas entradas no esporte paralímpico, enquanto outros tinham um foco maior na carreira esportiva, falando de participação em mundiais, recordes e medalhas conquistadas. Essa mescla é importante, pois como mostra Hilgemberg (2017) em sua tese de doutorado, não há consenso entre os atletas paralímpicos sobre como eles preferem ser vistos e representados pela imprensa.

O público esteve bastante presente no material da Radioagência, em sua maioria com falas onde comentavam que o evento “é muito legal”, que os atletas são exemplos e precisavam ser mais valorizados. Levanta-se a hipótese, que não foi possível averiguar, se isso não foi uma decisão interna com a intenção de divulgar e aumentar o interesse pelo evento. Isso foi registrado já na análise do *Bate Bola Nacional* (LONGO, 2018).

Outro ponto positivo do trabalho da Radioagência foi a inserção de entrevistados que tinham algum tipo de deficiência, algo que não foi muito notado em toda a pesquisa de mestrado do autor. Em boletim de 09 de setembro, que falava sobre a acessibilidade no Parque Olímpico da Barra, os entrevistados faziam uma avaliação do local e falavam sobre a emoção de estar em um evento onde os destaques eram pessoas com as mesmas condições que elas. Entre os que apareceram na matéria, estava uma pessoa com deficiência intelectual, o que não é muito comum no Jornalismo.

A EBC utilizou o período das Paralimpíadas para colocar em debate a questão da acessibilidade. Na Radioagência isso foi percebido através dos boletins que falavam do tema. Um em particular falava sobre as condições no Rio de Janeiro e locais das Paralimpíadas além do Parque. Foi destacado que o Maracanã, palco da abertura e encerra-

mento, não era acessível, porque as rampas eram muito íngremes. Esse tipo de informação é importante, porque mostra que não basta tomar uma atitude, é preciso testar para ver se de fato é efetiva.

É importante ressaltar que dentro da aba de matérias, a Radioagência também disponibiliza materiais que, na realidade, fogem dessa definição. Eles são trechos editados de programas das emissoras da EBC, como foi o caso de um material de 07 de setembro, chamado “Entrevista – Entenda as Paralimpíadas” que se tratava de um trecho do programa “Tarde Nacional” da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Nele havia uma entrevista com Vinicius Hirota, professor de Educação Física da Universidade Mackenzie.

Nessa entrevista, um trecho específico chamou a atenção, quando o professor utiliza a expressão “pessoas normais” para se referir a quem não possui deficiência. Este termo, conforme compreendi ao longo de minha pesquisa e trabalho profissional nas Paralimpíadas, não é utilizado para esta finalidade, já que passa a impressão de que uma pessoa com deficiência teria algum tipo de anormalidade. Assim, o termo mais comumente utilizado neste tipo de situação é “pessoa convencional”.

Como mencionado, um dos objetivos fixados pela EBC é o do regionalismo. Isso aparece em certo grau no conteúdo analisado, mas esperava-se esta característica mais presente. Foram poucos os boletins que destacavam os locais de origem dos atletas.

No último dia da análise, em 19 de setembro, a Radioagência finalizou a cobertura apresentando conteúdos diversificados. Além dos já esperados, como a Cerimônia de Encerramento e o balanço da participação brasileira, disponibilizou também matérias com temas importantes para o esporte paralímpico, como os programas de incentivo do Governo Federal e a dúvida quanto à sua manutenção pós-Jogos. Aqui a agência se diferenciou de *A Voz do Brasil*, tendo um tom mais crítico e questionador, sem adotar uma visão mais propagandística do Governo.

5. Cerimônia de Encerramento

Entre todas as produções da EBC que foram analisadas nesta pesquisa ao longo de dois artigos, a Radioagência foi o que seguiu mais à risca as diretrizes colocadas pela Empresa, na Resolução que deu origem à Política de Esportes (2010) e no Manual de Jornalismo (2013). Os materiais que falavam do evento além dos seus acontecimentos dentro das quatro linhas, representaram uma parte considerável do conteúdo coletado. Os repórteres deram espaço para as pessoas com deficiência, incluindo também deficiências que não aparecem com tanta frequência no Jornalismo. E também tiveram a liberdade de produzir matérias com um tom mais crítico, sem um tom propagandístico do governo, como foi notado em *A Voz do Brasil*.

A partir daqui, junta-se também os resultados do trabalho anterior que compreende as demais produções da EBC que compõem o *corpus* da pesquisa de mestrado (LONGO, 2018), para se ter uma visão mais completa acerca de como foi a cobertura das Paralimpíadas Rio-2016 pela Empresa.

Foi notável o trabalho da EBC de tentar fazer uma divulgação e cobertura maior das Paralimpíadas em seus veículos de rádio e televisão, já que a mídia comercial acabou deixando um pouco de lado os Jogos. A TV Brasil foi a única emissora de TV aberta a exibir as competições ao vivo, após a Rede Globo ceder os direitos de transmissão. E isso se viu refletido no rádio, com as Paralimpíadas tendo seu espaço e aparecendo em diferentes formatos: do boletim factual às mesas redondas esportivas.

No lado esportivo, porém, EBC como um todo acabou cometendo duas falhas muito importantes. Primeiro, sua cobertura foi muito pautada pelo resultado. Assim, modalidades como atletismo e natação, que naturalmente rendem mais medalhas para os países, tiveram uma visibilidade muito maior. Por outro lado, as modalidades coletivas acabaram ficando bastante apagadas. O Futebol de 5, por exemplo, só apareceu na Radioagência no último dia, onde o foco da matéria não era a seleção brasileira, que havia ganhado o tetracampeonato paralímpico. O boletim continha uma entrevista com Jefinho, jogador de destaque nos Jogos, falando sobre a necessidade de os clubes de Futebol convencional fomentar a modalidade paralímpica. Já o Rugby em Cadeira de Rodas apareceu apenas uma vez em todo o material da EBC, apenas na Radioagência.

A segunda falha foi a falta de explicação dos repórteres quanto às classes dos atletas. Isso é um problema grande, pois representa uma falta na transmissão da infor-

mação para o ouvinte. É necessário explicar o que significa o atleta ser T11 ou T12, por exemplo, pois existem diferentes graus de uma mesma deficiência. Estas particularidades das Paralimpíadas precisam ser repassadas para o público, que assim pode aproveitar melhor o evento que está acompanhando.

Referências

BARBOSA, Marialva. Mirar o Presente olhando o Passado: O Risco do Foco Presentista nos Estudos de Comunicação Permeados pela Mídia. [Entrevista concedida a] Ana Paula Heck; Márcio Marcellino; Lidia Trentin; Mônica Fort. **Revista UNINTER de Comunicação**, Curitiba, v. 7, n. 12, p. 129-131, jun., 2019

BÉDARIDA, François. Tempo presente e a presença da história. IN: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. 5ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. Resolução n. 03, de 22 fev. 2010. **Dispõe sobre a Política de Esportes para a EBC**, Brasília, DF, fev. 2010

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Manual de Jornalismo EBC**. Brasília: EBC, 2013

HILGEMBERG, Tatiane. **Atleta Real x Atleta de Papel**. A perspectiva individual dos atletas paralímpicos e sua representação na mídia impressa. 2017. 221 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

LIDDINGTON, Jill. O que é História Pública? Os Públicos e seus Passados. IN: ROVARI, Marta; RABÊLO, Juniele. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2011

LONGO, Guilherme. As Paralimpíadas Rio-2016 nas ondas do rádio público brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16, 2018, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2018

MENDEL, Toby. **Serviço Público de Radiodifusão: um estudo de direito comparado**. Brasília: UNESCO, 2011

PAPPOUS, Athanasios; SOUZA, Doralice Lange de. **Guia para a Mídia: como cobrir os Jogos Paralímpicos**. Brasília: CPB, 2016

SANTOS, Silvan. **O processo de produção de notícias dos Jogos Paralímpicos Rio-2016: Rotinas, Critérios e Valores do Jornalismo Esportivo Paraolímpico**. 2018, 289 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018

SILVA, Luciana. **O Jornalismo no Programa de Rádio *A Voz do Brasil* em períodos de crise política** – Análise de Coberturas entre 1985 e 2017. 2017, 156 p. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018

UNESCO. **Radiotelevisión de servicio público: un manual de mejores prácticas.** San Jose, Costa Rica: Oficina de la UNESCO para América Central, 2006

ZUCULOTO, Valci. **A programação de rádios públicas brasileiras.** Florianópolis: Insular, 2012

ZUCULOTO, Valci. Rádio Nacional do Rio de Janeiro – de emissora comercial nacional a rádio pública local. In: DEL BIANCO, Nélia; KLÖCKNER, Luciano; FERRARETTO, Luiz Artur (orgs.). **80 Anos das Rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro.** Porto Alegre: ediPUCRS, 2017